

Quatro cartas de Fernando Pessoa revisitadas

Fernanda Vizcaíno*

Keywords

Fernando Pessoa, João Gaspar Simões, Letters, Epistolary, Critical transcription.

Abstract

This article intends to show the relevance, within the Pessoaan epistolary, of the transcription of the letters from the originals. Many of the letters have never been transcribed and published in the original form. It is of vital importance to try to establish the authenticity and original form of the Pessoaan correspondence for a better understanding of his life and work.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, João Gaspar Simões, Cartas, Epistolário, Transcrição crítica.

Resumo

Este artigo pretende mostrar a relevância, dentro do epistolário pessoano, da transcrição das cartas a partir dos originais. Muitas das cartas nunca foram transcritas e publicadas na sua forma original. Consideramos de importância vital estabelecer a autenticidade e a forma original da correspondência Pessoaana para uma melhor compreensão da sua vida e da sua obra.

* Universidade do Minho.

Écrire, c'est donc se montrer, se faire voir, faire apparaître son propre visage auprès de l'autre.

(FOUCAULT, 1983: 16-17)

A correspondência permite revisitar a vida e a obra de Fernando Pessoa no seu dia a dia de cidadão comum. Pessoa guardou, durante anos, papéis para a posteridade. Fazia, muitas vezes, cópias das cartas que enviava aos mais variados destinatários. O tempo em que Pessoa viveu afasta-se cada vez mais da nossa realidade e resgatar os *seus* papéis e, neste caso mais concreto, as *suas* cartas assume uma importância vital na preservação da memória do autor, da sua escrita, sem intermediários (até onde for possível), sem filtros. Entendemos, assim, ser fundamental recuperar Pessoa na *primeira Pessoa*, até porque, e pegando nas palavras de Eduardo Lourenço “Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo. Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modo de falar de si tomando-se sempre por um outro” (LOURENÇO, 1993: 9).

Um dos mais profícuos destinatários de Fernando Pessoa foi João Gaspar Simões, considerado, de um modo geral, o primeiro biógrafo de Fernando Pessoa. Eduardo Lourenço atribuiu-lhe um papel fundamental, embora não isento de crítica, na construção do “mito-Pessoa”. De entre os diretores da *Presença*, a correspondência trocada entre Pessoa e Gaspar Simões foi a mais extensa. As cartas trocadas entre os dois contabilizam um total de 84. Estas 84 cartas estão todas transcritas em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença* (1998), com edição e estudo de Enrico Martines. Gaspar Simões contabiliza trinta e nove cartas recebidas de Pessoa, mas que “seriam quarenta e uma se se não tivessem extraviado duas”, e estas “versam, pela maior parte, assuntos impessoais: são o balanço da colaboração do Poeta na ‘folha de arte e crítica’” (SIMÕES, 1957: 10). A edição de Martines possui a mais completa e rigorosa transcrição da correspondência trocada entre Pessoa e Gaspar Simões. Sendo isto verdade, convém realçar que o professor italiano não trabalhou diretamente com os originais, no caso das cartas enviadas por Pessoa a Gaspar Simões. Segundo Martines, 12 cartas de Pessoa foram consultadas no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal. Outras 27 cartas de Pessoa foram estudadas e transcritas a partir de fotocópias disponibilizadas por D. Manuela Murteira França. Além disso, Martines estudou e transcreveu cópias de químico. Veja-se a seguinte passagem da edição crítica: “Os testemunhos de todas as cartas de Fernando Pessoa, com a exceção da II [...] são cópias de químico em folhas de papel de cópia: trata-se das cópias que Pessoa produzia para o seu arquivo da correspondência e falta-lhes a assinatura, posta a tinta só no original; os originais foram vendidos por João Gaspar Simões e não temos notícia do seu paradeiro” (in PESSOA, 1998b: 353).

A troca epistolar entre Pessoa e Gaspar Simões inicia-se com uma carta datada de 6 de junho de 1929, enviada por Gaspar Simões a Fernando Pessoa e

termina com a carta datada de 24 de dezembro de 1934, enviada por Pessoa a Gaspar Simões, que, em 1957, publicou as cartas que Pessoa lhe endereçou, com o título *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, com a chancela Publicações Europa-América. Nas décadas seguintes, essas cartas foram publicadas e republicadas em edições que privilegiaram a modernização da ortografia e a uniformização de certos aspetos gráficos como, por exemplo, a colocação da data no papel, a assinatura, entre outros.

A correspondência de Fernando Pessoa é um guião da sua vida, ainda com muitas lacunas por preencher. Daí que seja necessário revisitar a epistolografia pessoana e resgatá-la na sua forma original, como ponto de partida para novas descobertas. Um exemplo conhecido prende-se com a data de uma das cartas. Lembremo-nos da carta manuscrita por Fernando Pessoa a Armando Teixeira Rebelo, datada de 24 de Agosto de 1909, primeiro publicada por João Gaspar Simões, assumindo o ano 1907. A letra de Fernando Pessoa não é de fácil leitura, daí a confusão entre os números 7 e 9. Este “lapso visual”, como lhe chamou Jerónimo Pizarro (2012: 242), esta diferença de dois anos influenciou todas as biografias do poeta na segunda metade do século XX, sendo que os acontecimentos cronológicos que referem estão erroneamente organizados.

Um exemplo menos conhecido é uma carta enviada por Pessoa a Gaspar Simões, transcrita com a data de 3 de dezembro de 1931, e que foi publicada, com a ortografia atualizada, pelo destinatário, em *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, pela primeira vez em 1957. Essa data manteve-se na 2.^a edição das *Cartas*, bem como em outras edições dedicadas à correspondência de Pessoa como *Correspondência 1923-1935*, com edição de Manuela Parreira da Silva e *Obra Essencial*, vol. 7, *Cartas*, edição de Richard Zenith; a primeira nada assinala em relação ao original ou eventual cópia, enquanto a última indica nas notas finais: “Publicada em *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões* (desta carta não há nenhuma cópia conservada por Pessoa que se conheça)” (in PESSOA, 2007: 471). Esta carta, datilografada, foi também transcrita na edição crítica *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, nas páginas 169-170. Contudo, Enrico Martines adverte: “Não está disponível nenhum testemunho desta carta, transcrita, para completar o diálogo epistolar, tal como foi publicada em *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, 1957, pp. 87-89” (in PESSOA, 1998b: 373). Assim, esta edição acabou também por manter, erradamente, o dia 3 de dezembro, assim como por transcrever a missiva a partir de Gaspar Simões, que, como sabemos, optou por atualizar a ortografia.

Ao transcrevermos esta carta a partir do original, temos a possibilidade de colocar a assinatura de Fernando Pessoa na carta transcrita, pela primeira vez, de transcrever o texto na ortografia original e de corrigir a data da carta: Pessoa coloca efetivamente o dia 4 na data, e não o dia 3. Mas impõe-se aqui uma dúvida: foi Gaspar Simões, tendo o original, datilografado e não manuscrito, em sua posse,

quem colocou na data o dia 3 de dezembro. Ou terá sido um erro tipográfico? O certo é que a correção está aí, mercê da sorte de termos tido acesso ao original (Figs. 1 e 2). E que embora apenas se trate da diferença de um dia na data, cada contributo para uma transcrição fiel ao original não é de somenos importância. Aliás, este contributo pretende ajudar a completar o diálogo epistolar entre estes dois interlocutores revelando estas duas cartas originais.

*

A segunda carta não é inédita, pois foi transcrita e publicada pela primeira vez na revista *Presença*, n.º 48, em julho de 1936, por Gaspar Simões juntamente com o seu ensaio “Notas à margem de Uma Carta de Fernando Pessoa”. No texto que acompanha a publicação desta carta, Gaspar Simões justifica a sua escolha em tornar pública a carta: «É exactamente por isso, pelo que há nesta carta de singularmente revelador quanto à imagem que o poeta se obstinava em julgar ser a sua, que esta carta merece ser publicada» (20).

Mais tarde, a carta aparecerá parcialmente transcrita no livro *Novos Temas* bem como nas notas de *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, aqui curiosamente indicando como fonte o livro *Páginas de Doutrina Estética*, p. 225, e não a carta original. O trecho transcrito em *Vida e Obra*, com a ortografia atualizada, é o que se segue: “Que eu saiba ou repare só a falta de dinheiro (no próprio momento) ou um tempo de trovoadas (enquanto dura) são capazes de me deprimir”. Por que terá Gaspar Simões como que omitido, em primeira estância, que se tratava de uma carta que lhe era dirigida? Quem lesse a 4.ª edição de *Vida e Obra*, de 1980 (como é o nosso caso) não poderia então saber, pelo menos numa leitura mais descontraída, que Pessoa tinha escrito isso numa carta a Gaspar Simões. A passagem do texto para a qual se remete este parágrafo, em nota, no final do livro é a subsequente:

Em criança, quando em Durban ainda, Fernando Pessoa vinha para a janela presenciar o feérico espectáculo que ofereciam, naquelas paragens tropicais, as grandes trovoadas que se desencadeavam sobre o oceano Indico; em adulto, porém, presentindo a proximidade de uma tempestade dessa natureza (inserção da nota), era assaltado por uma grande depressão, por um grande terror mesmo. Não será lícito depreender daqui que o adolescente interrogava o enigma dos astros, tranquilo na ignorância ainda do mistério oculto nos fenómenos naturais, enquanto o adulto tremia perante a majestade e a vastidão desse mesmo mistério, já então largamente sondado?

(SIMÕES, 1980: 488)

Podemos apenas conjecturar que Gaspar Simões, ao referir as *Páginas de Doutrina Estética*, com seleção, prefácio e notas de Jorge de Sena, e não a carta, procurasse, de certa forma, legitimar a interpretação psicológica que faz de Fernando Pessoa. Finalmente, Gaspar Simões não foi imune às imensas críticas que recebeu quando publicou o livro.

(Eduardo Lourenço, no seu livro *Fernando, Rei da nossa Baviera*, escreveu o seguinte, a título de exemplo: “Não se espere que eu confirme o célebre diagnóstico de *mistificação*, lavrado por quem, mais do que ninguém, contribuiu para o ‘mito-Pessoa’, tal como se impôs no mundo e ao mundo”; e a seguir: “Refiro-me, naturalmente, a João Gaspar Simões que, desesperado diante de um processo criador de que não descobria o ‘sujeito’ psicológico clássico, nem a necessidade, acabou por ceder à tentação” [1993: 14]).

A transcrição mais completa da carta que a *Presença* revelou em 1936 aparece em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença* (PESSOA, 1998b: 172-180). Aqui a transcrição, tal como no caso de todas as cartas desta edição, mantém a ortografia original. Segundo Jerónimo Pizarro “A modernização da ortografia de um autor poderia considerar-se um acto de sobre-edição; e a reposição da ortografia, um acto de desedição” (PIZARRO, 2012: 228). A nosso ver, atualizar a ortografia retira-lhe um pouco de *autenticidade* à palavra escrita. Quando lemos um autógrafa de Pessoa diretamente no suporte original a ligação à escrita é mais autêntica. Quando lemos um texto na ortografia original, livre de atualizações, a proximidade texto-leitor é maior.

Sobre a segunda carta incluída neste contributo, é de notar que a nota manuscrita a lápis, no topo da primeira página, onde se lê “Compor em 12 Sorbonne”, é uma indicação não autógrafa destinada a alguém da *Presença*, em relação ao tipo de letra a usar na transcrição para a revista. No original consultado a assinatura de Pessoa encontra-se no fim da carta e do post-scriptum. As correções feitas à mão são bastante visíveis.

*

A segunda carta é de 11 de dezembro de 1931. Apenas três dias depois, Fernando Pessoa escreve outra carta a João Gaspar Simões, datada de 14 de dezembro de 1931. Esta carta foi parcialmente transcrita em *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Gaspar Simões diz que Pessoa a escrevera para fazer algumas “rectificações”, mas, na própria carta, Pessoa esclarece que apenas quer fazer “uma leve emenda e um accrescimo” à carta que tinha enviado três dias antes. A carta foi enviada a Gaspar Simões sem ser “passada a limpo”, com as emendas a tinta preta no original datilografado. A menção da carta surge em *Vida e Obra*, num capítulo dedicado ao amigo de Pessoa, com o título “Amizade trágica”, onde Gaspar Simões “explica” aquilo que, em seu entender, os dois amigos tinham em comum, ou seja, que “Ambos, no fundo, eram órfãos de mãe” (1980: 301). O crítico apoia-se nas cartas que recebeu de Pessoa, a célebre carta de 11 de dezembro de 1931, já aqui comentada e a carta de 14 de dezembro do mesmo ano, para a sua análise interpretativa. Gaspar Simões transcreve o parágrafo onde Pessoa se refere a Sá-Carneiro e termina dizendo, também em nota, em relação a esta carta recebida por

ele três dias depois: “Parece-me que Fernando Pessoa é aqui muito mais psicanalista do que pretendia e que o diagnóstico sobre Sá-Carneiro vai muito mais longe do que aquele que eu fizera sobre ele próprio, Fernando Pessoa...” (1980: 632).

Em jeito de comentário a esta observação de Gaspar Simões citamos, uma vez mais, Eduardo Lourenço que, num texto a propósito da admiração de Pessoa por Junqueiro, não deixa de nomear Gaspar Simões:

De maior alcance é notar não só a estima como a admiração – em Pessoa sempre rara – por um Poeta que hoje nada parece ter de comum com ele. (...) Pessoa sempre tomou muito a sério aquilo que designa como «poesia metafísica», isto é, poesia de intenção e vocação gnoseológica, aberta às questões do sentido do universo e da nossa vida nele. Assim, de *A Oração à Luz* não hesita em escrever. «De um canto de luz tira Junqueiro uma das maiores poesias metafísicas do mundo, poesia que se pode comparar só à *Ode on the Intimations of Immortality* de Wordsworth.» Claro que nós podemos considerar Pessoa um crítico medíocre – é o caso de Gaspar Simões – mas todas essas referências mostram, pelo menos, o interesse invulgar de Pessoa por Junqueiro.

(LOURENÇO, 1993: 114)

Neste contributo, apresentamos, pela primeira vez, os originais da carta de 14 de dezembro de 1931, incluindo a assinatura do remetente, a tinta preta, a mesma que usou para fazer emendas no texto da carta. Se excluirmos a transcrição e publicação desta carta, ou partes dela, pelo destinatário (Gaspar Simões), as transcrições posteriores foram feitas a partir de cópias “a papel chimico, a copia que não custa tirar”, como Pessoa amiúde fazia.

*

A última carta que Fernando Pessoa escreveu a João Gaspar Simões, com data de 24 de dezembro de 1934, até agora, tanto quanto sabemos, não foi transcrita com a grafia original. Quando começamos a pesquisar sobre a correspondência enviada por Fernando Pessoa, e neste caso específico, cartas enviadas a Gaspar Simões, consultamos a 1ª edição, de 1957, das *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. No verso da primeira folha está impresso: “Desta obra foi feita uma tiragem especial de 110 exemplares impressos em papel offset, assinados pelo autor. Os números 1 a 10 não são destinados ao mercado.” O nosso exemplar está assinado por Gaspar Simões, a tinta azul, com a dedicatória “A Luiz Forjaz Trigueiro, lembrança do seu velho amigo e admirador | João Gaspar Simões”.

Neste exemplar figura o fac-símile da última carta, com data de 24-12-1934, que Gaspar Simões recebeu de Fernando Pessoa. Enrico Martines refere na edição crítica de *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*, em nota a esta carta, que: “Não está disponível nenhum testemunho desta carta, transcrita, para completar o diálogo epistolar, tal como foi publicada em Fernando Pessoa, *Cartas*

de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, 1957, pp. 146-47” (in PESSOA, 1998b: 389). Pelo exposto, concluímos que Enrico Martines não teve acesso a esta tiragem especial de 110 números. Portanto, na edição crítica aqui referida, esta carta aparece transcrita com a ortografia atualizada. Também em outras edições como a de 1999, *Correspondência 1923-1935*, e a de 2007, *Obra Essencial*, vol. 7, *Cartas*, esta missiva está transcrita com a ortografia atualizada e sem a assinatura. Logo, esta carta é, tanto quanto sabemos, aqui transcrita pela primeira vez, a partir do original com a ortografia original.

Um pormenor curioso é o facto de Pessoa também ter escrito uma carta a José Régio e outra a Adolfo Casais Monteiro, com a mesma data desta carta para Gaspar Simões. A nosso ver, é curioso notar a forma de tratamento dada a cada um dos diretores da *presença* bem como o teor (no geral, semelhante, mas com algumas pequenas nuances, conforme o destinatário) das cartas.

*

Gostaria de deixar aqui uma palavra de agradecimento às pessoas que tornaram possível este artigo: àqueles que me facultaram a consulta e transcrição das cartas aqui referidas, o meu muito Obrigada. À Universidade do Minho, em geral, um especial agradecimento pela motivação que me transmite, na superação dos obstáculos. Finalmente, um agradecimento a Jerónimo Pizarro pelo seu incansável, empenhado e genuíno apoio nesta aventura “pessoana”.

Apartado 147,
Lisboa, 4 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito e muito obrigado pelo seu livro, que recebi no dia 1. Queria escrever-lhe depois de o ter inteiramente lido e meditado, relendo, até, e mais attentamente, o que nelle ha de reproduzido da "Presença" e já meu conhecido. Mas essa leitura só pode ser honestamente feita na semana que vem. Prefiro, pois, desde já simplesmente lh'o agradecer, deixando para depois da tal leitura mais attenta os commentarios, quaesquer que sejam, que me ocorrerem, e me parecer de qualquer utilidade communicar-lhe. Nessa altura farei os commentarios de ha muito promettidos sobre o estudo, inserto neste livro, que me diz respeito.

No decurso do phenomeno physico de abrir o livro e percorrer aqui e alli esta ou aquella pagina, fiquei - desde já lh'o digo - com a mesma agradável impressão do seu espirito que tenho sempre tido. Em outras palavras, parece-me que este livro em nada deverá desviar-se do caminho intellectual que v. começou traçando, admiravelmente, no seu livro anterior. Faço, mas sob reserva de emenda possivel, uma reserva: no relance, pareceu-me que v. tendia para querer explicar de mais. Na carta, que de aqui a dias lhe escreverei, esclarecerei esta phrase, se a não tiver que retirar.

E, desde já, uma observação adversa, mas amavel, colhida de uma nota que li ^{decurso do} phenomeno physico acima indicado. Refiro-me á nota em que se desculpa de citar, a proposito do José Regio, varios auctores celebres, em sentido de comparação psychologica. Não se offende v. decerto que, valendo-me da triste ~~vantagem~~ vantagem que tenho em ter quasi o dobro da sua idade, lhe dê um conselho. Conselho importuno, tanto por ser conselho, como porque v. m'o não pediu. Mas dou-o translatamente, e servindo-me da indicação magisterial de não sei que diplomata francez. Disse elle: Nunca explicar, nunca se desculpar, nunca se arrepende. Meu querido Gaspar Simões, nunca peça desculpa de ~~uma~~ nada, sobretudo ao publico. E quem te diz que a historia definitiva da literatura não

Fig. 1. Carta de 4 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

2.

levará o José Regio tam alto, ou mais alto, que o Tolstoi ou o André Gide, ou quem mais v. citasse? Não me custa nada a admittir essa possibilidade, sobretudo em quem, sendo tam jovem como o Regio, já tanto conseguiu a dentro da sua sensibilidade. De resto - admitto - nunca pude ler o Gide, e, quanto ao Tolstoi, basta ser russo para eu ter difficuldade em dar por elle.

Até já. E um abraço de amigo e de admirador do seu muito dedicado e grato,

Fernando Pessoa

Fig. 2. Carta de 4 de Dezembro de 1931.
Coleção particular.

Apartado 147,
Lisboa, 4 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito e muito obrigado pelo seu livro, que recebi no dia 1. Queria escrever-lhe depois de o ter inteiramente lido e meditado, relendo, até, e mais attentamente, o que nelle ha de reproduzido da *Presença* e já meu conhecido. Mas essa leitura só pode ser honestamente feita na semana que vem. Prefiro, pois, desde já simplesmente lh'ó agradecer, deixando para depois da tal leitura mais attenta os commentarios, quaesquer que sejam, que me ocorrerem, e me parecer de qualquer utilidade communicar-lhe. Nessa altura farei os commentarios de ha muito promettidos sobre o estudo, inserto neste livro, que me diz respeito.

No decurso do phenomeno physico de abrir o livro e percorrer aqui e alli esta ou aquella pagina, fiquei – desde já lh'ó digo – com a mesma agradável impressão do seu espirito que tenho sempre tido. Em outras palavras, parece-me que este livro em nada deverá desviar-se do caminho intellectual que v[ocê] começou traçando, admiravelmente, no seu livro anterior. Faço, mas sob reserva de emenda possivel, uma reserva: no relance, pareceu-me que v[ocê] tendia para querer explicar de mais. Na carta, que de aqui a dias lhe escreverei, esclarecerei esta phrase, se a não tiver que retirar.

E, desde já, uma observação adversa, mas amavel, colhida de uma nota que li no decurso do phenomeno physico acima indicado. Refiro-me á nota em que se desculpa de citar, a proposito do José Regio, varios auctores celebres, em sentido de comparação psychologica. Não se offende v[ocê] decerto que, valendo-me da triste vantagem que tenho em ter quasi o dobro da sua idade, lhe dê um conselho. Conselho importuno, tanto por ser conselho, como porque v[ocê] m'ó não pediu. Mas dou-o translatamente, e servindo-me da indicação magisterial de não sei que diplomata francez. Disse elle: Nunca explicar, nunca se desculpar, nunca se arrepende. Meu querido Gaspar Simões, nunca peça desculpa de nada, sobretudo ao publico. E quem lhe diz que a historia definitiva da literatura não levará o José Regio tam alto, ou mais alto, que o Tolstoi ou o André Gide, ou quem mais v[ocê] citasse? Não me custa nada a admittir essa possibilidade, sobretudo em quem, sendo tam jovem como o Regio, já tanto conseguiu a dentro da sua sensibilidade. De resto – admitto – nunca pude ler o Gide, e, quanto ao Tolstoi, basta ser russo para eu ter difficuldade em dar por elle.

Até já. E um abraço de amigo e de admirador do seu muito dedicado e grato,



Compor em 12 Sorbonne.

Apartado 147,
Lisboa, 11 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pela sua carta, que acabo de receber, e pela pagina do jornal de Malaga. Não faz mal não ter vindo na Presença 33 o trecho do guarda-livros ou o soneto do Alvaro de Campos; ainda bem que veio a tradução do Hymno a Pan. Essa, sim, é que me comprometteria se estivesse ausente. E porquê zangar-se commigo por ter dado ao Descobrimento collaboração extensa? Estou prompto a dal-a de e-gual extensão a Presença. Em um e outro caso considero, porém, a índole da publicação. Não julgo justo enviar-lhe collaboração que vá absorver-lhe trez paginas, sobretudo devendo a Presença entregar o melhor e maior do seu espaço aos poetas e prosadores mais ~~deves~~, intercalando apenas os da minha idade por amizade para conosco, applauso nosso para com-vosco e enchimento de intervallos.

Feitas estas considerações ante-preliminares, e que são a resposta à sua carta, vou ver se consigo fazer, ou começar a fazer, a critica ao seu livro Mysterio da Poesia; incluirá a critica ao seu estudo a meu respeito, visto que é inserto no livro, apesar de eu lh'á ter promettido ha já muito tempo. Deve v. comprehender, antes de mais nada, que vou fazer a critica assim mesmo, escrevendo corrente- e directamte à machina a que estou sentado, sem procurar fazer litteratura, ou phrases, ou quanto não surja espontaneamente no decurso machanico de escrever. Como não trouxe commigo o seu livro, terei que indicar em vez de citar, onde haja (se directamente houver) razão para isso. Aviso isto para que v. não veja um vago propositado onde ha sòmente não ter trazido o livro.

De ha muito que tenho uma alta opinião do seu talento em geral e das suas qualidades de critico em particular. Quero que, antes de mais e acima de tudo, reconheça isto, e que isto é a minha opinião fundamental. O que porventura se manifeste de discor-dancia no seguimento d'esta carta attinge tamsòmente os accidentes e os pormenores. Prova-lhe, aliás, este meu conceito da sua intelligencia, o facto - que talvez não tenha elementos para notar - de que uso para com-sigo das palavras "admiração" e "admirador", que não costumo distribuir ao acaso; "apreço" é o até onde vou onde não posso, a bem commigo, ir mais longe.

Fig. 3. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

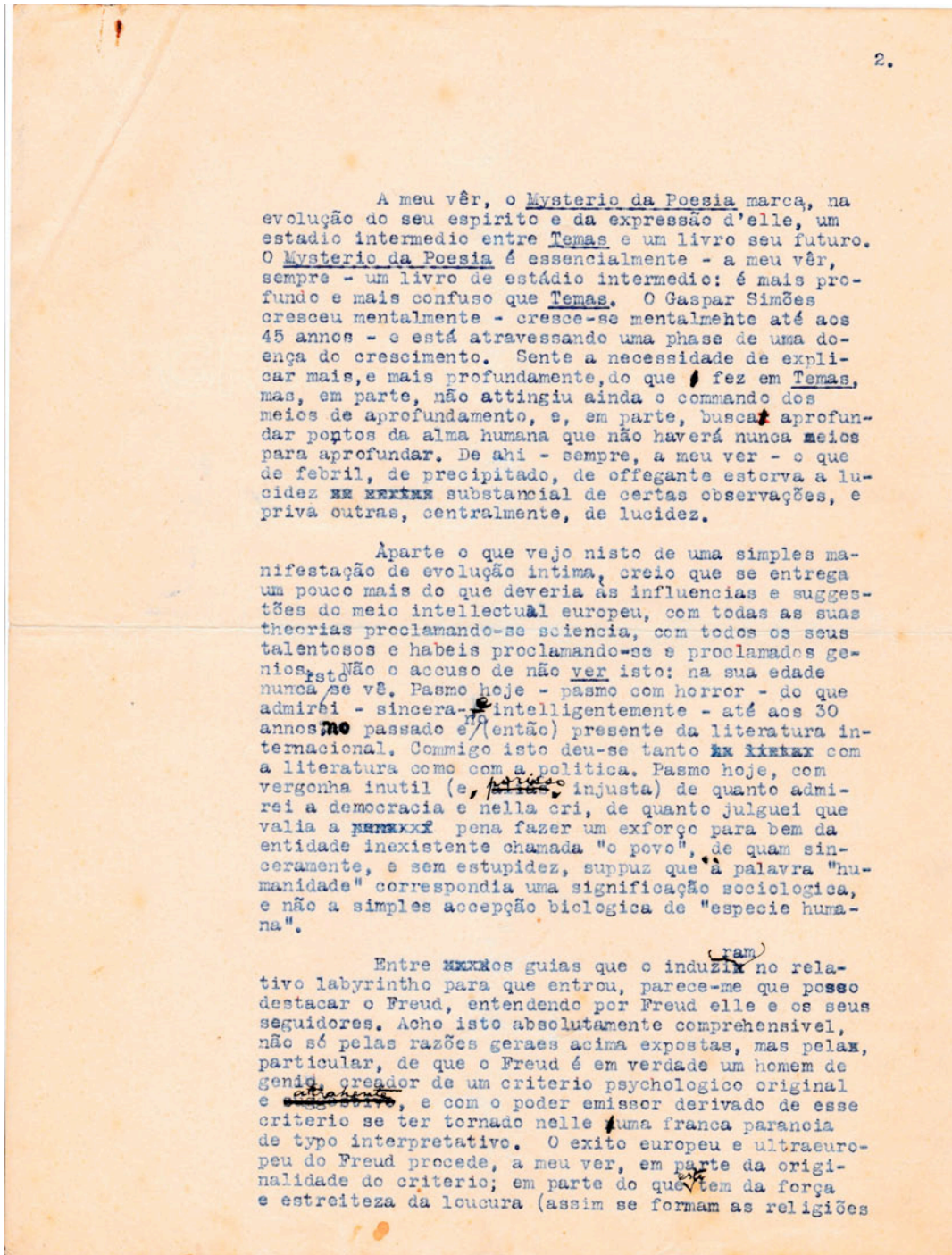


Fig. 4. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

3.

e as seitas religiosas, compreendendo nestas, porque o são, as de mysticismo politico, como o fascismo, o communismo, e outras assim); mas principalmente de o criterio assentar (salvo desvios em alguns sequazes) numa interpretação sexual. Isto dá azo a que se possam escrever, a titulo de obras de sciencia (que por vezes, de facto, são), livros absolutamente obscenos, e que se possam "interpretar" (em geral sem razão nenhuma critica) artistas e escriptores passados e presentes num ~~xxx~~ sentido degradante e Brazileira do Chiado - assim ministrando masturbações psychicas á vasta rede de onanismos de que parece formar-se a mentalidade civilizational contemporanea.

Compreenda-me v. bem: não quero com isto sequer suppor que seja este ultimo pormenor do Freudismo o que fez, a ~~vi~~, passes hypnoticos. Mas foi este pormenor que creou o vasto interesse no Freudismo em todo o mundo, e que, portanto, fez a publicidade do systema. Foi por um processo identico que, tendo o Junqueiro derivado a sua celebridade do phenomeno extra-literario de atacar a Egreja Catholica (em que intimamente cria) e os "burguezes" (de cuja classe era excessivo ornamento), nós, no meu tempo, o passámos a admirar literariamente, e ainda que não concordássemos com qualquer d'aquelles dois elementos que haviam creado a celebridade pela qual o liamos e admiravamos.

Ora, a meu ver (é sempre "a meu ver"), o Freudismo é um systema imperfeito, estreito e utilissimo. É imperfeito se julgamos que nos vae dar a chave, que nenhum systema nos pode dar, da complexidade indefinida da alma humana. É estreito se julgamos, por elle, que tudo se reduz á sexualidade, pois nada se reduz a uma coisa só, nem sequer na vida intra-atômica. É utilissimo porque chamou a attenção dos psychologos para tres elementos importantissimos na vida da alma, e portanto na interpretação d'ella: (1) o subconsciente e a nossa consequente qualidade de animaes irracionais; (2) a sexualidade, cuja importancia havia sido, por diversos motivos, diminuída^o desconhecida anteriormente; (3) o que poderei chamar, em linguagem minha, a translação, ou seja a conversão de certos elementos psychicos (não só sexuaes) em outros, por estorvo ou desvio dos originaes, e a possibilidade de se determinar a existencia de certas qualidades ou defeitos por meio de effeitos aparentemente irrelacionados com ellas ou elles.

Já antes de ter lido qualquer coisa de ou sobre Freud, ~~antes~~ já antes, até, de ouvir fallar nelle, eu tinha pessoalmente chegado á conclusão marcada (1) e a alguns resultados dos que inclui sob a indicação (3).

Fig. 5. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

4.

No capitulo (2) tinha feito menos observações, dado o pouco que sempre me interessou a sexualidade, propria ou alheia - a primeira pela pouca importancia que sempre dei a mim-mesmo, como ente physico e social, a segunda por um melindre (a dentro da minha propria cabeça) de me intrrometer, ainda que interpretativamente, na vida ~~dei~~ dos outros. Não tenho lido muito do Freud, nem sobre o systema freudiano e seus derivados; mas o que tenho lido tem servido extraordinariamente - confesso - para afiar a faca psychologica e limpar ou substituir as lentes do microscopio critico. Não precisei do Freud (nem elle, que eu saiba, me esclareceria nesse pormenor) para saber distinguir a vaidade do orgulho, nos casos em que podem confundir-se, por meio de manifestações em que essas qualidades surgem indirectamente. Não precisei tambem do Freud para, no proprio campo da indiação (2), ~~distinguir~~, pelo simples estylo literario, o pederasta e o onanista, e, a dentro do onanismo, o onanista praticante ~~do~~ onanista psychico. Os trez elementos constitutivos do estylo do pederasta, os trez elementos constitutivos do estylo do onanista (e a divergencia, em um d'elles, entre o praticante e o psychico) - para nada d'isto precisei de Freud ou dos freudianos. Mas muitas outras coisas, neste capitulo e nos outros dois, de facto Freud e os seus me esclareceram: nunca me havia occorrido, por exemplo, que o tabaco (acrescentarei "e o alcool") ~~era~~ uma translação do onanismo. Deppis do que li neste sentido, num ~~breve~~ estudo de um psychanalista, verifiquei immediatamente que, dos cinco perfectos exemplares do onanista que tenho conhecido, quatro não fumavam nem bebiam, e o que fumava abominava o vinho.

O assumpto obrigou-me a cahir no sexual, mas foi para exemplificar, como v. comprehende, e para lhe dizer quanto, criticando embora e divergindo, reconheço o poder hypnotico dos freudismos sobre toda creatura intelligente, sobretudo se a sua intelligencia tem a feição critica. O que desejo agora accentuar é que me parece que esse systema e os systemas analogos ou derivados devem por nós ser empregados como estímulos da argucia critica, e não como dogmas scientificos ou leis da natureza. Ora o que me parece é que v. se serviu d'elles um pouco neste ultimo sentido, sendo portanto correspondentemente arrastado por o que ha de pseudo-scientifico em muitas partes d'esses systemas, o que conduz á falseação; por o que ha de audaz em outras partes, o que conduz á precipitação; e ~~por o que~~ ha de abusivamente sexual em outras, ~~arrastando~~ o que conduz a um rebaixamento automatico, sobretudo perante o publico, do auctor criticado, de sorte que a explicação, sinceramente buscada e innocentemente exposta, redunda numa aggressão. Porque o publico é estúpido? Sem duvida,

Fig. 6. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

mas o que faz o publico publico, que é o ser collectivo, por isso mesmo o priva da intelligencia, que é só individual. A Robert Browning, não só grande poeta, mas poeta intellectual e subtil, referiram uma vez o que havia de indiscutivel quanto á pederastia de Shakespeare, tam ~~certa~~ e constantemente affirmada nos Sonetos. Sabe o que Browning respondeu? "Então elle é menos Shakespeare!" ("If so the less Shakespeare he!"). Assim é o publico, meu querido Gaspar Simões, ainda quando o publico se chame Browning, que nem sequer era collectivo.

Nestas considerações, feitas em tom mental de conversa solitaria, e assim transmittidas á rapidez da machina, vae a maior parte da critica que tenho que fazer, adversamente, ao Mysterio da Poesia. Ellas versam, para fallar pomposamente, um dos aspectos methodologicos do seu livro. Mas ha nelle tambem elementos de pressa excusada e de precipitação critica a que qualquer questão de methodo é alheia. Se v. confessadamente não tem os elementos biographicos precisos para ajuizar de que poderia ser a alma do Sá-Carneiro, porque se baseia na falta de elementos para formar um juizo? Tem v. a certeza, só porque eu o digde repito, que tenho saudades da infancia e que a musica constitue para mim - como direi? - o meio natural estorvado da minha intima expressão? E repare que cito o estudo sobre Sá-Carneiro, que, dada a sua falta de elementos, é admiravel de espirito critico, e o estudo a meu respeito que só pecca por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir.

Concretizo. A obra de Sá-Carneiro é toda ella atravessada por uma intima deshumanidade, ou, melhor, inhumanidade: não tem calor humano, nem ternura humana, excepto a introvertida. Sabe porque? Porque elle perdeu a mãe quando tinha dois annos e não conheceu nunca o carinho materno. Verifiquei sempre que os amadrastados da vida são falhos de ternura, sejam artistas, sejam simples homens; seja porque a mãe lhes falhasse por morte, seja porque lhes falhasse por frieza ou afastamento. Ha uma differença: os a quem a mãe faltou por morte (a não ser que sejam seccos de indole, como o não era Sá-Carneiro) viram sobre si-mesmos a ternura propria, numa substituição de si-mesmos á mãe incognita; os a quem a mãe faltou por frieza perdem a ternura que tivessem e ~~resultam~~ resultam cynicos implacaveis, filhos monstruosos do amor ~~que~~ natal que se lhes negou.

Concretizo mais, agora commigo. Nunca senti saudades da infancia; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por indole, e no sentido directo da pala-

Fig. 7. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

vra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para traz. Que eu saiba ou repare, só a falta de dinheiro (no proprio momento) ou um tempo de trovoada (emquanto dura) são capazes de me deprimir. Tenha, do passado, somente saudades de pessoas idas, a quem amei; mas não é a saudade do tempo em que as amei, mas a saudade d'ellas: queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido. O mais são attitudes literárias, sentidas intensamente por instincto dramatico, quer as assigne Alvaro de Campos, quer as assigne Fernando Pessoa. São sufficientemente representadas, no tom e na verdade, por aquelle meu breve poema que começa, "O sino da minha aldeia..." O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Martyres, alli no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Directorio, e a casa em que nasci foi aquella, onde mais tarde (no segundo andar; eu nasci no quarto) haveria de installar-se o Directorio Republicano. (Nota: a casa estava condemnada a ser notavel, mas oxalá o 4º andar dê melhor resultado que o 2º.)

Depois d'estas concretizações, ou coisa parecida, desejo regressar (se ainda tiver cabeça, pois já estou cansado) a um ponto methodologico. A meu ver (cá estão as tres palavras outra vez), a função do critico deve concentrar-se em tres pontos: (1) estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar a explicação central do artista (typo lyrico, typo dramatico, typo lyrico elegiaco, typo dramatico poetico, etc.); (3) comprehendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poetica de desentendimento. Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomatico, mas até com a verdade, meu querido Gaspar Simões, ha que haver diplomacia.

Nada d'isto, creio, precisa ser esclarecido, salvo, talvez, o que indiquei como (2). Prefiro - até para abbreviar - explicar por um exemplo. Escolho-me a mim mesmo, porque é quem está aqui mais perto. O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramatico; tenho continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação intima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Vão outro - eis tudo. Do ponto de vista ~~humano~~ humano - em que ao critico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque - sou um hysterico-neurasthenico com a predominancia do elemento hysterico na emoção e do elemento neurasthenico na intelligencia e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o critico fixe, porém, que sou

Fig. 8. Carta de 11 de Dezembro de 1931.
Coleção particular.

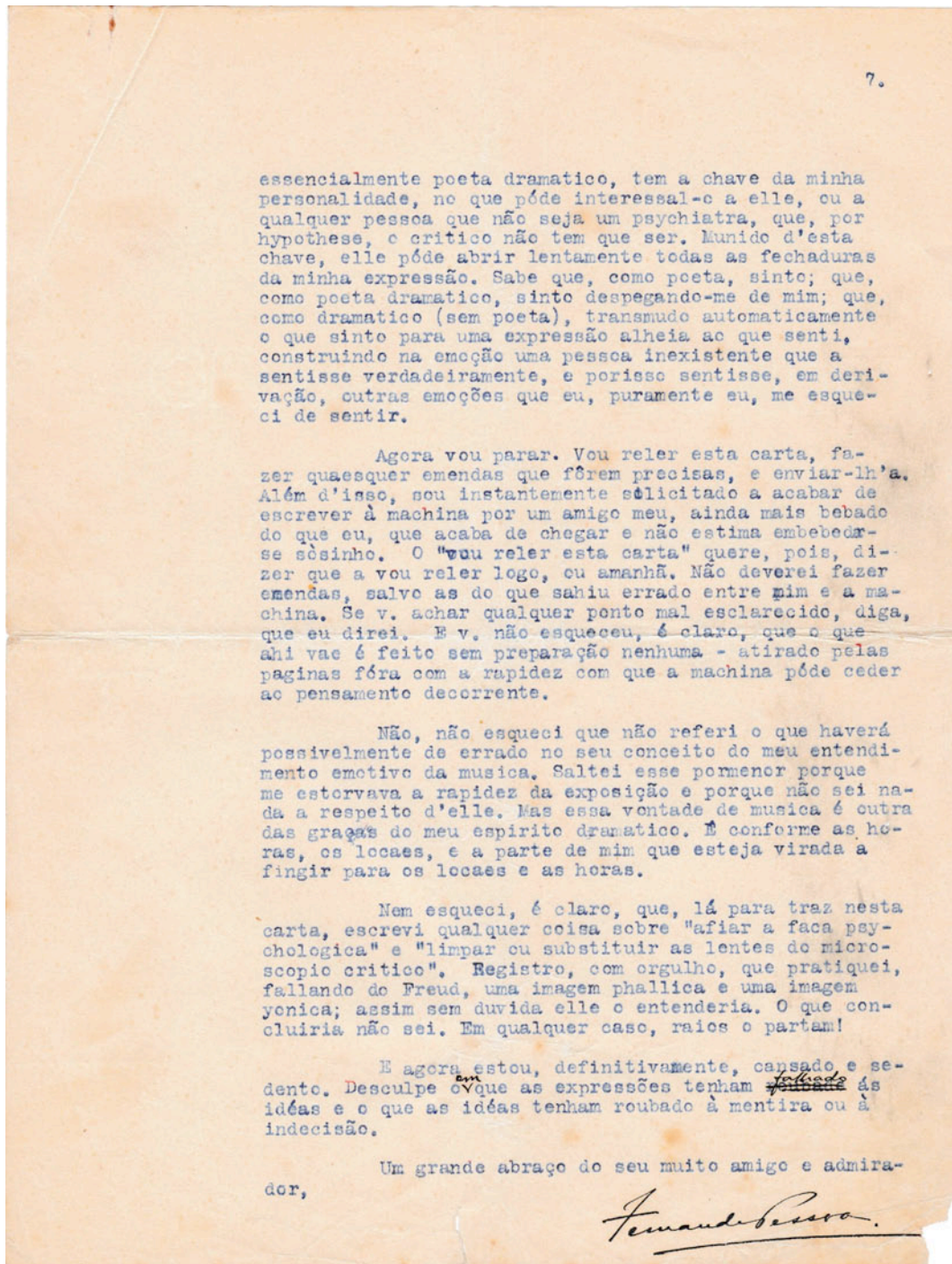


Fig. 9. Carta de 11 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

P.S.

Houve um ponto da sua carta a que não respondi ou me referi. É o que trata da nota do Descobrimto sobre Camillo Pessanha.

Quero referir-me simplesmente à influencia que o Pessanha pudesse ter tido sobre o Sá-Carneiro. Não teve nenhuma. Sobre mim teve, porque tudo tem influencia sobre mim; mas é conveniente não ver influencia do Pessanha em tudo quanto, de versos meus, lembre o Pessanha. Tenho elementos proprios naturalmente semelhantes a certos elementos proprios do Pessanha; e certas influencias poeticas inglezas, que soffri muito antes de saber sequer da existencia do Pessanha, actuam no mesmo sentido que elle.

Mas quanto ao Sá-Carneiro... Eu conhecia, de cór, quasi todos os poemas do Pessanha, por m'os ter varias vezes dito o Carlos Amaro. Communiquei-os ao Sá-Carneiro, que, como é de suppor, ficou encantado com elles. Não vejo, porém, que tenham influencia do Sá-Carneiro em qualquer coisa. Uma grande admiração não implica uma grande influencia, ou, até, qualquer influencia. Tenho uma grande admiração por Camões (o epico, não o lyrico), mas não sei de elemento algum camoneano que tenha tido influencia em mim, influenciavel como sou. É isto por uma razão precisamente igual à que explica a não-influencia de Pessanha sobre Sá-Carneiro. É que o que Camões me poderia "ensinar" já me fôra "ensinado" por outros. A exaltação e sublimação do instincto de patria são phenomenes inensinaveis em sua substancia: ou temos naturalmente o sentimento patriotico, ou o não temos; ou temos a capacidade de exaltar e sublimar os nossos sentimentos, ou a não temos. (E, áparte isto, o sentimento patriotico é uma das coisas mais correntes em todas as literaturas, sendo, aliás, a sublimação constructiva do odio, que é tam necessario á existencia como o amor - a outra coisa egualmente corrente em todas as literaturas). E a ~~construção~~ ^{construção} e desenvolvimento do poema epico, tem-as Milton (que li antes de ler os Lusiadas) em maior grau que Camões.

Ora Sá-Carneiro tinha em si-mesmo, ou de outras influencias, tudo quanto o Pessanha lhe poderia dar, quando primeiro ouviu, como elle diz, "dos seus versos". Isto explica, ao mesmo tempo, a não-influencia e a grande admiração.

Muito seu,

Fernando Pessoa

Fig. 10. Carta de 11 de Dezembro de 1931.
Coleção particular.

Apartado 147

Lisboa, 11 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pela sua carta, que acabo de receber, e pela pagina do Jornal de *Malaga*. Não faz mal não ter vindo na *Presença* 33 o trecho do guarda-livros ou o soneto do Alvaro de Campos; ainda bem que veio a traducção do *Hymno a Pan*. Essa, sim, é que me comprometteria se estivesse ausente. E porquê zangar-se commigo por ter dado ao *Descobrimento* collaboração extensa? Estou prompto a dal-a de egual extensão à *Presença*. Em um e outro caso considero, porém, a indole da publicação. Não julgo justo enviar-lhe collaboração que vá absorver-lhe trez paginas, sobretudo devendo a *Presença* entregar o melhor e maior do seu espaço aos poetas e prosadores mais jovens, intercalando apenas os da minha idade por amisade para comnosco, applauso nosso para comvosco e enchimento de intervallos.

Feitas estas considerações ante-preliminares, e que são a resposta à sua carta, vou ver se consigo fazer, ou começar a fazer, a critica ao seu livro *Mysterio da Poesia*; incluirá a critica ao seu estudo a meu respeito, visto que é inserto no livro, apesar de eu lh'a ter promettido ha já muito tempo. Deve v[ocê] comprehender, antes de mais nada, que vou fazer a critica assim mesmo, escrevendo corrente- e directamente à machina a que estou sentado, sem procurar fazer literatura, ou phrases, ou quanto não surja espontaneamente no decurso mechanico de escrever. Como não trouxe commigo o seu livro, terei que indicar em vez de citar, onde haja (se directamente houver) razão para isso. Aviso isto para que v[ocê] não veja um vago propositado onde ha sòmente não ter trazido o livro.

De ha muito que tenho uma alta opinião do seu talento em geral e das suas qualidades de critico em particular. Quero que, antes de mais e acima de tudo, reconheça isto, e que isto é a minha opinião fundamental. O que porventura se manifeste de discordancia no seguimento d'esta carta attinge tamsòmente os accidentes e os pormenores. Prova-lhe, aliás, este meu conceito da sua intelligencia o facto – que talvez não tenha elementos para notar – de que uso para comsigo das palavras “admiração” e “admirador”, que não costumo distribuir ao acaso; “apreço” é o até onde vou onde não posso, a bem commigo, ir mais longe.

A meu vêr, o *Mysterio da Poesia* marca, na evolução do seu espirito e da expressão d'elle, um estadio intermedio entre *Temas* e um livro seu futuro. O *Mysterio da Poesia* é essencialmente – a meu vêr, sempre – um livro de estádio intermedio: é mais profundo e mais confuso que *Temas*. O Gaspar Simões cresceu mentalmente – cresce-se mentalmente até aos 45 annos – e está atravessando uma phase de uma doença do crescimento. Sente a necessidade de explicar mais, e mais profundamente, do que fez em *Temas*, mas, em parte, não attingiu ainda o commando dos meios de aprofundamento, e, em parte, busca aprofundar pontos

da alma humana que não haverá nunca meios para aprofundar. De ahí – sempre, a meu ver – o que de febril, de precipitado, de offegante estorva a lucidez substancial de certas observações, e priva outras, centralmente, de lucidez.

À parte o que vejo nisto de uma simples manifestação de evolução íntima, creio que se entrega um pouco mais do que deveria às influências e sugestões do meio intelectual europeu, com todas as suas theories proclamando-se sciencia, com todos os seus talentosos e habéis proclamando-se e proclamados genios. Não o accuso de não *ver* isto: na sua idade nunca isto se vê. Pasma hoje – pasmo com horror – do que admirei – sincera- e intelligentemente – até aos 30 annos, no passado e no (então) presente da literatura internacional. Commigo isto deu-se tanto com a literatura como com a politica. Pasma hoje, com vergonha inutil (e, porisso injusta) de quanto admirei a democracia e nella cri, de quanto julguei que valia a pena fazer um esforço para bem da entidade inexistente chamada “o povo”, de quam sinceramente, e sem estupidez, suppuz que à palavra “humanidade” correspondia uma significação sociologica, e não a simples accepção biologica de “especie humana”.

Entre os guias que o induziram no relativo labyrintho para que entrou, parece-me que posso destacar o Freud, entendendo por Freud elle e os seus seguidores. Acho isto absolutamente comprehensivel, não só pelas razões geraes acima expostas, mas pela, particular, de que o Freud é em verdade um homem de genio, creador de um criterio psychologico original e attrahente, e com o poder emissor derivado de esse criterio se ter tornado nelle uma franca paranoia de typo interpretativo. O exito europeu e ultraeuropeu do Freud procede, a meu ver, em parte da originalidade do criterio; em parte do que este tem da força e estreiteza da loucura (assim se formam as religiões e as seitas religiosas, comprehendendo nestas, porque o são, as de mysticismo politico, como o fascismo, o communismo, e outras assim); mas principalmente de o criterio assentar (salvo desvios em alguns sequazes) numa interpretação sexual. Isto dá azo a que se possam escrever, a titulo de obras de sciencia (que por vezes, de facto, são), livros absolutamente obscenos, e que se possam “interpretar” (em geral sem razão nenhuma critica) artistas e escriptores passados e presentes num sentido degradante e Brasileira do Chiado – assim ministrando masturbações psychicas á vasta rede de onanismos de que parece formar-se a mentalidade civilizacional contemporanea.

Comprehenda-me v[ocê] bem: não quero com isto sequer suppor que seja este ultimo pormenor do Freudismo o que fez, a v[ocê], passes hypnoticos. Mas foi este pormenor que creou o vasto interesse no Freudismo em todo o mundo, e que, portanto, fez a publicidade do systema. Foi por um processo identico que, tendo o Junqueiro derivado a sua celebridade do phenomeno extra-literario de atacar a Egreja Catholica (em que intimamente cria) e os “burguezes” (de cuja classe era excessivo ornamento), nós, no meu tempo, o passámos a admirar literariamente, e

ainda que não concordássemos com qualquer d'aquelles dois elementos que haviam creado a celebridade pela qual o liamos e admiravamos.

Ora, a meu ver (é sempre "a meu ver"), o Freudismo é um systema imperfeito, estreito e utilissimo. É imperfeito se julgamos que nos vae dar a chave, que nenhum systema nos pode dar, da complexidade indefinida da alma humana. É estreito se julgamos, por elle, que tudo se reduz à sexualidade, pois nada se reduz a uma coisa só, nem sequer na vida intra-atômica. É utilissimo porque chamou a attenção dos psychologos para trez elementos importantissimos na vida da alma, e portanto na interpretação d'ella: (1) o subconsciente e a nossa consequente qualidade de animaes irracionaes; (2) a sexualidade, cuja importancia havia sido, por diversos motivos, diminuida ou desconhecida anteriormente; (3) o que poderei chamar, em linguagem minha, a *translação*, ou seja a conversão de certos elementos psychicos (não só sexuaes) em outros, por estorvo ou desvio dos originaes, e a possibilidade de se determinar a existencia de certas qualidades ou defeitos por meio de efeitos aparentemente irrelacionados com ellas ou elles.

Já antes de ter lido qualquer coisa de ou sobre Freud, já antes, até, de ouvir fallar nelle, eu tinha pessoalmente chegado á conclusão marcada (1) e a alguns resultados dos que inclui sob a indicação (3). No capitulo (2) tinha feito menos observações, dado o pouco que sempre me interessou a sexualidade, propria ou alheia – a primeira pela pouca importancia que sempre dei a mim-mesmo, como ente physico e social, a segunda por um melindre (a dentro da minha propria cabeça) de me intrometter, ainda que interpretativamente, na vida dos outros. Não tenho lido muito do Freud, nem sobre o systema freudiano e seus derivados; mas o que tenho lido tem servido extraordinariamente – confesso – para afiar a faca psychologica e limpar ou substituir as lentes do microscopio critico. Não precisei do Freud (nem elle, que eu saiba, me esclareceria nesse pormenor) para saber distinguir a vaidade do orgulho, nos casos em que podem confundir-se, por meio de manifestações em que essas qualidades surgem indirectamente. Não precisei tambem do Freud para, no proprio campo da indicação (2), conhecer, pelo simples estylo literario, o pederasta e o onanista, e, a dentro do onanismo, o onanista praticante e o onanista psychico. Os trez elementos constitutivos do estylo do pederasta, os trez elementos constitutivos do estylo do onanista (e a divergencia, em um d'elles, entre o praticante e o psychico) – para nada d'isto precisei de Freud ou dos freudianos. Mas muitas outras coisas, neste capitulo e nos outros dois, de facto Freud e os seus me esclareceram: nunca me havia ocorrido, por exemplo, que o tabaco (acrescentarei "e o alcool") fosse uma translação do onanismo. Depois do que li neste sentido, num breve estudo de um psychanalista, verifiquei immediatamente que, dos cinco perfeitos exemplares do onanista que tenho conhecido, quatro não fumavam nem bebiam, e o que fumava abominava o vinho.

O assumpto obrigou-me a cahir no sexual, mas foi para exemplificar, como v[ocê] comprehende, e para lhe dizer quanto, criticando embora e divergindo,

reconheço o poder hypnotico dos freudismos sobre toda creatura intelligente, sobretudo se a sua intelligencia tem a feição critica. O que desejo agora accentuar é que me parece que esse systema e os systemas analogos ou derivados devem por nós ser empregados como estímulos da argucia critica, e não como dogmas scientificos ou leis da natureza. Ora o que me parece é que v[ocê] se serviu d'elles um pouco neste ultimo sentido, sendo portanto correspondentemente arrastado por o que ha de pseudoscientifico em muitas partes d'esses systemas, o que conduz á falseação; por o que ha de audaz em outras partes, o que conduz à precipitação; e por o que ha de abusivamente sexual em outras, o que conduz a um rebaixamento automatico, sobretudo perante o publico, do auctor criticado, de sorte que a explicação, sinceramente buscada e innocentemente exposta, redundava numa aggressão. Porque o publico é estúpido? Sem duvida, mas o que faz o publico publico, que é o ser colectivo, por isso mesmo o priva da intelligencia, que é só individual. A Robert Browning, não só grande poeta, mas poeta intellectual e subtil, referiram uma vez o que havia de indiscutivel quanto à pederastia de Shakespeare, tam clara- e constantemente affirmada nos Sonetos. Sabe o que Browning respondeu? "Então elle é menos Shakespeare!" ("If so the less Shakespeare he!"). Assim é o publico, meu querido Gaspar Simões, ainda quando o publico se chame Browning, que nem sequer era colectivo.

Nestas considerações, feitas em tom mental de conversa solitaria, e assim transmittidas à rapidez da machina, vae a maior parte da critica que tenho que fazer, adversamente, ao *Mysterio da Poesia*. Ellas versam, para fallar pomposamente, um dos aspectos methodologicos do seu livro. Mas ha nelle tambem elementos de pressa excusada e de precipitação critica a que qualquer questão de methodo é alheia. Se v[ocê] confessadamente não tem os elementos biographicos precisos para ajuizar do que poderia ser a alma do Sá-Carneiro, porque se baseia na falta de elementos para formar um juizo? Tem v[ocê] a certeza, só porque eu o digo e repito, que tenho saudades da infancia e que a musica constitue para mim – como direi? – o meio natural estorvado da minha intima expressão? E repare que cito o estudo sobre Sá-Carneiro, que, dada a sua falta de elementos, é admiravel de espirito critico, e o estudo a meu respeito que pecca só por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir.

Concretizo. A obra de Sá-Carneiro é toda ella atravessada por uma intima deshumanidade, ou, melhor, inhumanidade: não tem calor humano, nem ternura humana, excepto a introvertida. Sabe porquê? Porque elle perdeu a mãe quando tinha dois annos e não conheceu nunca o carinho materno. Verifiquei sempre que os amadrastados da vida são falhos de ternura, sejam artistas, sejam simples homens; seja porque a mãe lhes falhasse por morte, seja porque lhes falhasse por frieza ou afastamento. Ha uma differença: os a quem a mãe faltou por morte (a não ser que sejam seccos de indole, como o não era Sá-Carneiro) viram sobre si-

mesmos a ternura propria, numa substituição de si-mesmos à mãe incognita; os a quem a mãe faltou por frieza perdem a ternura que tivessem e (salvo se são genios da ternura) resultam cynicos implacaveis, filhos monstruosos do amor natal que se lhes negou.

Concretizo mais, agora commigo. Nunca senti saudades da infancia; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por indole, e no sentido directo da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para traz. Que eu saiba ou repare, só a falta de dinheiro (no proprio momento) ou um tempo de trovoadas (emquanto dura) são capazes de me deprimir. Tenho, do passado, sòmente saudades de pessoas idas, a quem amei; mas não é a saudade do tempo em que as amei, mas a saudade d'ellas: queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido. O mais são attitudes literarias, sentidas intensamente por instincto dramatico, quer as assigne Alvaro de Campos, quer as assigne Fernando Pessoa. São sufficientemente representadas, no tom e na verdade, por aquelle meu breve poema que começa, "Ó sino da minha aldeia..." O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Martyres, alli no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Directorio, e a casa em que nasci foi aquella onde mais tarde (no segundo andar; eu nasci no quarto) haveria de instalar-se o Directorio Republicano. (Nota: a casa estava condemnada a ser notavel, mas oxalá o 4.º andar dê melhor resultado que o 2.º.)

Depois d'estas concretizações, ou coisa parecida, desejo regressar (se ainda tiver cabeça, pois já estou cansado) a um ponto methodologico. A meu ver (cá estão as trez palavras outra vez), a função do critico deve concentrar-se em trez pontos: (1) estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista; (2) buscar o que poderemos chamar a *explicação central* do artista (typo lyrico, typo dramatico, typo lyrico elegiaco, typo dramatico poetico, etc.); (3) comprehendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poetica de desentendimento. Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomatico, mas até com a verdade, meu querido Gaspar Simões, ha que haver diplomacia.

Nada d'isto, creio, precisa ser esclarecido, salvo, talvez, o que indiquei como (2). Prefiro – até para abbreviar – explicar por um exemplo. Escolho-me a mim mesmo, porque é quem está aqui mais perto. O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramatico; tenho continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação intima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Vôo outro – eis tudo. Do ponto de vista humano – em que ao critico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque – sou um hysteroneurasthenico com a predominancia do elemento hysterico na emoção e do elemento neurasthenico na intelligencia e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o critico fixe, porém, que sou essencialmente poeta

dramatico, tem a chave da minha personalidade, no que póde interessal-o a elle, ou a qualquer pessoa que não seja um psychiatra, que, por hypothese, o critico não tem que ser. Munido d'esta chave, elle póde abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que, como poeta, sinto; que, como poeta dramatico, sinto despegando-me de mim; que, como dramatico (sem poeta), transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e porisso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir.

Agora vou parar. Vou reler esta carta, fazer quaesquer emendas que fôrem precisas, e enviar-lh'a. Além d'isso, sou instantemente solicitado a acabar de escrever à machina por um amigo meu, ainda mais bebado do que eu, que acaba de chegar e não estima embebedar-se sòsinho. O "vou reler esta carta" quere, pois, dizer que a vou reler logo, ou amanhã. Não deverei fazer emendas, salvo as do que sahiu errado entre mim e a machina. Se v[ocê] achar qualquer ponto mal esclarecido, diga, que eu direi. E v[ocê] não esqueceu, é claro, que o que ahi vae é feito sem preparação nenhuma – atirado pelas paginas fóra com a rapidez com que a machina póde ceder ao pensamento decorrente.

Não, não esqueci que não referi o que haverá possivelmente de errado no seu conceito do meu entendimento emotivo da musica. Saltei esse pormenor porque me estorvava a rapidez da exposição e porque não sei nada a respeito d'elle. Mas essa vontade de musica é outra das graças do meu espirito dramatico. É conforme as horas, os locaes, e a parte de mim que esteja virada a fingir para os locaes e as horas.

Nem esqueci, é claro, que, lá para traz nesta carta, escrevi qualquer coisa sobre "afiar a faca psychologica" e "limpar ou substituir as lentes do microscopio critico". Registro, com orgulho, que pratiquei, fallando do Freud, uma imagem phallica e uma imagem yonica; assim sem duvida elle o entenderia. O que concluiria não sei. Em qualquer caso, raios o partam!

E agora estou, definitivamente, cansado e sedento. Desculpe o em que as expressões tenham falhado ás idéas e o que as idéas tenham roubado à mentira ou à indecisão.

Um grande abraço do seu muito amigo e admirador,



P.S.

Houve um ponto da sua carta a que não respondi ou me referi. É o que trata da nota do *Descobrimento* sobre Camillo Pessanha.

Quero referir-me simplesmente à influencia que o Pessanha pudesse ter tido sobre o Sá-Carneiro. Não teve nenhuma. Sobre mim teve, porque tudo tem influencia sobre mim; mas é conveniente não ver influencia do Pessanha em tudo quanto, de versos meus, relembre o Pessanha. Tenho elementos proprios naturalmente semelhantes a certos elementos proprios do Pessanha; e certas influencias poeticas inglezas, que soffri muito antes de saber sequer da existencia do Pessanha, actuam no mesmo sentido que elle.

Mas quanto ao Sá-Carneiro... Eu conhecia, de cór, quasi todos os poemas do Pessanha, por m'os ter varias vezes dito o Carlos Amaro. Communiquei-os ao Sá-Carneiro, que, como é de suppor, ficou encantado com elles. Não vejo, porém, que tenham influenciado o Sá-Carneiro em qualquer coisa. Uma grande admiração não implica uma grande influencia, ou, até, qualquer influencia. Tenho uma grande admiração por Camões (o epico, não o lyrico), mas não sei de elemento algum camoneano que tenha tido influencia em mim, influenciavel como sou. E isto por uma razão precisamente igual à que explica a não-influencia de Pessanha sobre Sá-Carneiro. É que o que Camões me poderia "ensinar" já me fôra "ensinado" por outros. A exaltação e sublimação do instincto de patria são phenomenos inensinaveis em sua substancia: ou temos naturalmente o sentimento patriotico, ou o não temos; ou temos a capacidade de exaltar e sublimar os nossos sentimentos, ou a não temos. (E, à parte isto, o sentimento patriotico é uma das coisas mais correntes em todas as literaturas, sendo, aliás, a sublimação constructiva do odio, que é tam necessario à existencia como o amor – a outra coisa igualmente corrente em todas as literaturas). E a construcção e amplitude do poema epico, tem-as Milton (que li antes de ler os *Lusiadas*) em maior grau que Camões.

Ora Sá-Carneiro tinha em si-mesmo, ou de outras influencias, tudo quanto o Pessanha lhe poderia dar, quando primeiro ouviu, como elle diz, "dos seus versos". Isto explica, ao mesmo tempo, a não-influencia e a grande admiração.

Muito seu,

A handwritten signature in dark ink, reading "Fernando Pessoa", with a horizontal line underneath it.

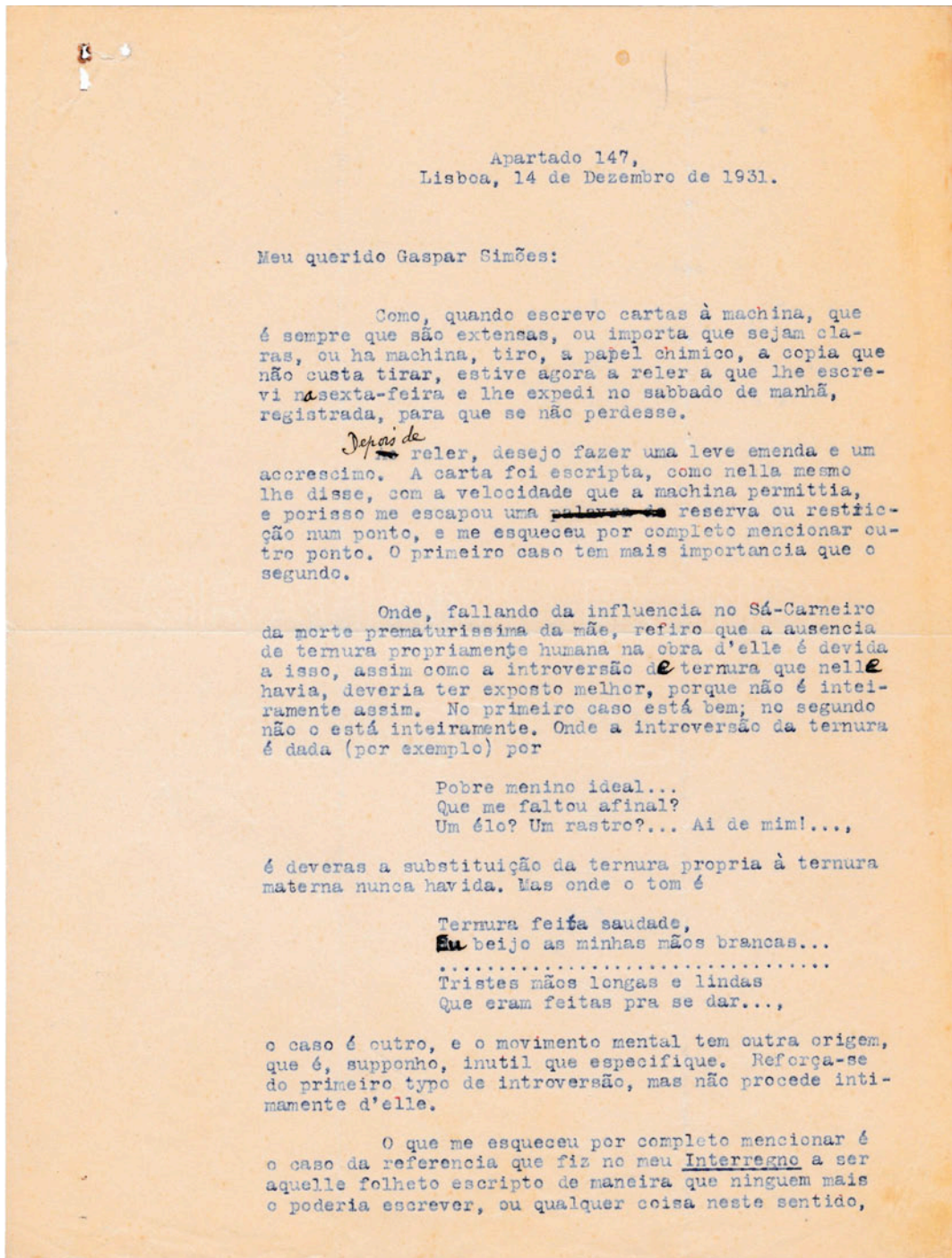


Fig. 11. Carta de 14 de Dezembro de 1931.

Coleção particular.

2.

de que me claramente não recorde. V. tomou isto como uma especie de nota de narcisismo; já o fez em Themas, e agora repetiu-o em O Mysisterio da Poesia. É perfeitamente legitimo que v. o fizesse, porque a phrase lá está. O peor é que ella se explica de uma maneira diferente. A phrase pertencia ao Interregno na sua fórma original de manifesto anonymo. O Ministerio do Interior impediu a sahida do manifesto, a não ser que viesse assignado e convertido em livro - isto é, folheto -, pois assim não era (então) preciso ir à censura, que, tendo sido consultada sobre o manifesto, puzera varias objecções à sua sahida. Na revisão que fiz, de muito mau humor, pois me aborreceu muito tudo aquillo das auctoridades, esqueci-me de tirar essa phrase, que, sendo uma insolencia de blague no manifesto anonymo, e nem mais nem menos que uma nota de mau gosto - genero Shaw ou D'Annunzià - no folheto assignado. Mais nada. Sou absolutamente incapaz de escrever, directa e deliberadamente, uma phrase d'aquella ordem em circumstancias que não sejam as de um lapso, como has que cito. Tenho empenho em accentuar-lhe isto, não para me esquivar à attribuição de narcisismo (que não é das coisas mais caracteristicas do meu espirito - mas isso, enfim, não discuto), mas para me não deixar ter por culpado de uma nota de mau gosto e de falha de educação que, na verdade, não deliberei. É uma gaffe, se v. quizer (e quererá bem, porque o é), mas não é a má-creação narcisista que, sem esta explicação, se poderia suppor.

Sempre e muito seu,

Fernando Pessoa

Fig. 12. Carta de 14 de Dezembro de 1931.
Coleção particular.

Apartado 147,
Lisboa, 14 de Dezembro de 1931.

Meu querido Gaspar Simões:

Como, quando escrevo cartas à machina, que é sempre que são extensas, ou importa que sejam claras, ou ha machina, tiro, a papel chimico, a copia que não custa tirar, estive agora a reler a que lhe escrevi na sexta-feira e lhe expedi no sabbado de manhã, registrada, para que se não perdesse.

Depois de reler, desejo fazer uma leve emenda e um accrescimo. A carta foi escripta, como nella mesmo lhe disse, com a velocidade que a machina permittia, e porisso me escapou uma reserva ou restricção num ponto, e me esqueceu por completo mencionar outro ponto. O primeiro caso tem mais importancia que o segundo.

Onde, fallando da influencia no Sá-Carneiro da morte prematurissima da mãe, refiro que a ausencia de ternura propriamente humana na obra d'elle é devida a isso, assim como a introversão de ternura que nelle havia, deveria ter exposto melhor, porque não é inteiramente assim. No primeiro caso está bem; no segundo não o está inteiramente. Onde a introversão da ternura é dada (por exemplo) por

Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um élo? Um rastro? ... Ai de mim!...,

é deveras a substituição da ternura propria à ternura materna nunca havida. Mas onde o tom é

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
.....
Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...,

o caso é outro, e o movimento mental tem outra origem, que é, supponho, inutil que especifique. Reforça-se do primeiro typo de introversão, mas não procede intimamente d'elle.

O que me esqueceu por completo mencionar é o caso da referencia que fiz no meu *Interregno* a ser aquelle folheto escripto de maneira que ninguem mais o poderia escrever, ou qualquer coisa neste sentido, de que me claramente não recordo. V[ocê] tomou isto como uma especie de nota de narcissismo; já o fez em *Themas*, e agora repetiu-o em *O Mysterio da Poesia*. É perfeitamente legitimo que v[ocê] o fizesse, porque a phrase lá está. O peor é que ella se explica de uma

maneira diferente. A phrase pertencia ao *Interregno* na sua fórmula original de manifesto anonymo. O Ministerio do Interior impediu a saída do manifesto, a não ser que viesse assignado e convertido em livro – isto é; folheto –, pois assim não era (então) preciso ir à censura, que, tendo sido consultada sobre o manifesto, puzera varias objecções à sua saída. Na revisão que fiz, de muito mau humor, pois me aborreceu muito tudo aquillo das auctoridades, esqueci-me de tirar essa phrase, que, sendo uma insolencia de blague no manifesto anonymo, é nem mais nem menos que uma nota de mau gosto – genero Shaw ou D’Annunzio – no folheto assignado. Mais nada. Sou absolutamente incapaz de escrever, directa e deliberadamente, uma phrase d’aquella ordem em circumstancias que não sejam as de um lapso, como as que cito. Tenho empenho em accentuar-lhe isto, não para me esquivar à attribuição de narcissismo (que não é das coisas mais caracteristicas do meu espirito – mas isso, enfim, não discuto), mas para me não deixar ter por culpado de uma nota de mau gosto e de falta de educação que, na verdade, não deliberei. É uma gaffe, se v[ocê] quizer (e quererá bem, porque o é), mas não é a má-creação narcissista que, sem esta explicação, se poderia suppor.

Sempre e muito seu,

A handwritten signature in cursive script, reading "Fernando Pessoa", with a horizontal line underneath.

Mãe querido Gaspar Simões.

Dorcelpe não lhe tem escripto ha mais tempo, como devia e queria, para lhe agradecer o Amores Infelizes, que muito e devoras appreciou.

Deseo-lhe ainda uma carta "contra a cerca do Ela". Como poder escrever-lhe'a durante o mez que vem, que talvez não passas, na sua maior parte, no Estoril; nella tratarei, entre, d'este seu novo livro tambem.

Vae por este correio, registado, o meu livro "Mensagem". Si agora, mais vinte e tantos dias depois de ser posto á venda, tenho exemplares para mim, em numero que se veja, e não seja portanto aborrido por affectos, naturalmente inevitaveis a pessoas, com quem estou em contacto ^{directo} diario ou frequente. Dorcelpe-me, por, tambem esta demora.

Envio esta carta, e o livro, para Coimbra, mas não sei se v. estará lá

Fig. 13. Carta de 24 de Dezembro de 1931.

nesta altura do anno. Supponho, porém,
 que uma e outra coisa lhe chegarão,
 e sem grande demora.

Bom Fato e um Anno Novo como
 v. o quer.

Ahaya o o amigo preto e o
 admirador de sempre

Fernando Pessoa

24-XII-1934.

P.S. - Quer exemplares do
 livro para Presença? Ha pelo
 mandos quando quizer.

Fig. 14. Carta de 24 de Dezembro de 1931.

24 de Dezembro de 1934.

Meu querido Gaspar Simões¹:

Desculpe não lhe ter escripto ha mais tempo, como devia e queria, para lhe agradecer o *Amores Infelizes*, que muito e deveras appreciei.

Devo-lhe ainda uma carta “critica” ácerca do *Eloi*. Conto poder escrever-lh’a durante o mez que vem, que tenciono passar, na sua maior parte, no Estoril; nella tratarei, então, d’este seu novo livro tambem.

Vae por este correio, registrado, o meu livro *Mensagem*.² Só agora, uns vinte e tantos dias depois de ser posto á venda, tenho exemplares para mim, em numero que se veja, e não seja portanto absorvido por offertas, materialmente inevitaveis, a pessoas com quem estou em contacto directo diario^a ou frequente. Desculpe-me, pois, tambem esta demora.

Envio esta carta, e o livro, para Coimbra, mas não sei se v[ocê] estará lá nesta altura do anno. Supponho, porém, que uma e outra cousa lhe chegarão, e sem grande demora.

Boas festas e um Anno Novo como v[ocê] o quer.

Abraça-o o amigo grato e o admirador de sempre



24-XII-1934.

P. S. – Quer exemplares do livro para *Presença*? Há e posso mandar quando quizer.

¹ “Foi esta a última carta que recebi de Fernando Pessoa. A minha mudança para Lisboa permitiu-me estar algumas vezes com o Poeta antes da sua morte, que ocorreu onze meses depois, mas nunca mais nos escrevemos. É curioso frisar que tanto esta carta como a primeira que dele recebi, cinco anos antes, as únicas cartas manuscritas que me endereçou. Saudação e despedida!” (PESSOA, 1957: 146).

² O exemplar oferecido a Gaspar Simões contém a seguinte dedicatória: “Ao João Gaspar Simões, com um grande abraço de admirador e de amigo grato, | off. o Fernando Pessoa | 24-XII-1934.”, manuscrito a tinta preta, transcrito a partir do original.

Bibliografia

- FOUCAULT, Michel (1983). "L'écriture de soi", in *Corps écrit*. Paris: PUF, pp. 3-23.
- LOURENÇO, Eduardo (1993). *Fernando, Rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARTINS, Fernando Cabral (2014). *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PATRÍCIO, Rita (2012). *Episódios. Da Teorização Estética em Fernando Pessoa*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- PESSOA, Fernando (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (2007). *Obra Essencial; vol 7, Cartas*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (1999). *Correspondência: 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (1998a). *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (1998b). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ (1996). *Correspondência Inédita*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática.
- SIMÕES, João Gaspar (1957). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Lisboa: Publicações Europa-América.